

Ornamentos
(Belas-artes)

São partes menores singulares, que não pertencem à constituição essencial de uma obra da arte, mas foram meramente acrescentadas a ela para o incremento da conveniência e, por assim dizer, se encontram anexados à obra. Na arquitetura, os ornamentos são as estátuas, os vasos, as folhagens e outros entalhes, com o que se enfeitam as partes essenciais da construção. Na eloquência e na poesia são ornamentos todos os conceitos acessórios, pensamentos conectados, episódios, que conferem maior conveniência ao essencial; na música, são contabilizados entre os ornamentos as diversas maneiras e modificações (*) que tem como intenção meramente uma conveniência maior. Os ornamentos podem ser removidos em todos os lugares onde foram aplicados, sem tornar a obra deficiente ou modificar a sua espécie.

Os ornamentos têm a sua origem no gosto inato pelo belo que há em todos os homens. Praticamente não há na terra um povo tão rude a ponto de ser insensível aos ornamentos. O homem ainda em parte selvagem encontra gosto em colares, com os quais ele orna seus membros completa ou parcialmente desnudos, e o pastor que vive na suprema simplicidade da natureza adorna o seu bastão ou a sua caneca com entalhes. Esse gosto mostra que há algo de mais elevado e mais nobre na natureza humana do que na animal, que não conhece nenhuma sensação além daquelas que têm origem nas necessidades corporais.

Uma completa insensibilidade em relação a qualquer ornamento denunciaria rudeza animal; por outro lado, um gosto desmedido por ornamentos demonstra mediocridade e infantilidade. Assim como em espíritos medíocres a razão degenera na sutileza, assim também

em ânimos infantis o gosto pelo belo degenera na mania pelo adereço.

Como é certo que um uso comedido dos ornamentos, acompanhado por um gosto sadio, confere conveniência e encanto a obras das belas-artes, também é certo, por outro lado, que ornamentos sobrepostos e aplicados sem gosto tornam desprezível a melhor obra. Uma jóia modesta e escolhida com bom gosto pode ainda acrescentar conveniência também à pessoa mais bela; todavia, onde tudo está repleto de penduricalhos e jóias a beleza natural é obscurecida.

A um excelente crítico de arte os ornamentos nas obras da eloquência parecem coisas colocadas mais para agradar ao amante ordinário do que ao conhecedor (*). Verdadeiros conhecedores consideram em tudo o essencial das coisas e encontram o maior agrado na perfeição; quem, todavia, não possui sensibilidade suficiente para ser tocado pela perfeição essencial das coisas, satisfaz-se com adereços acrescentados. É certo, portanto, que os maiores artistas em cada gênero também demonstram a maior parcimônia no emprego de endereços. Nos edifícios gregos que restaram dos bons tempos da arte encontramos apenas poucos ornamentos; eles são empregados excessivamente nos assim chamados edifícios góticos da Idade Média, que se queria destacar por meio de beleza e esplendor.

Não há uma parte da arte que exija mais gosto e juízo do que essa. Procede bem o artista que, no tocante aos ornamentos, toma como sua a máxima “prefiro fazer pouco do que muito”, já que a completa falta de ornamentos não torna deficiente nenhuma obra, mas o acúmulo deles certamente a altera.

Há certas obras da arte que praticamente não permitem nenhuma espécie de ornamento. Onde se busca uma comoção intensa ou profunda do coração, a saber, em temas patéticos e

(*) Ver “maneiras” - modificações. [NA]

(*) “Cultu et ornatu se commendat ipse, qui dicit, et in ceteris iudicium doctorum, in hoc vero etiam popularem laudem petit.” Quintiliano, *Institutiones oratoriae*, 8, 3. [O orador se recomenda a si mesmo pela elegância e pelo ornamento, e mesmo que no resto ele venha encontrar o juízo dos doutos, é nisso que ganha as graças do público. [NT]]

delicados, eles parecem não ter lugar. Em geral pode-se estabelecer o seguinte como regra fundamental dos ornamentos: que uma obra suporta tanto menos adereços quanto mais força estética essencial possuir. Nas *Filípicas* de Demóstenes e nas *Filípicas* e *Catilinárias* de Cícero não encontramos nenhum adorno, que o orador romano talvez preferisse apenas onde ele era menos sério. Em obras que servem meramente ao entretenimento e em todo lugar onde o conteúdo ou a matéria são em si mesmas menos importantes, menos sérias, os ornamentos podem contribuir bastante para o incremento da conveniência.

O artista que leva verdadeiramente a sério ensinar ou comover não pensa em ornamentos, que não podem contribuir em nada para isso; mas aquele que quer divertir precisa, quando a sua matéria não é suficiente, buscar abrigo nos ornamentos. As fábulas gregas atribuídas a Esopo e as latinas de Fedro são praticamente destituídas de qualquer ornamento; porque os autores levavam a sério o ensinamento: ao contrário, pelos frequentes ornamentos nas fábulas de La Fontaine, percebe-se que ele procurou mais divertir do que ensinar.

O artista não tem apenas de julgar onde os ornamentos têm lugar, mas também como devem ser obtidos. Quintiliano disse em poucas palavras o que há para dizer a esse respeito: “*Ornatus virilis, fortis, sanctus sit: nec effeminatam levitatem, nec fuco eminentem colorem amet; sanguine et viribus niteat.*” Os ornamentos devem ser viris, intensos e puros; eles não devem denunciar leviandade efeminada e também não fornecer um mero lustre, mas possuir força e significado estéticos verdadeiros.

A maioria dos ornamentos empregados na arquitetura grega pura podem ser indicados como exemplos para o esclarecimento desses requisitos. Em quase todos compreende-se como

surgiram ou porque estão ali, como observamos em grande parte nos artigos a esse respeito (*): e na maioria das vezes eles servem para multiplicar a aparência de solidez. Por conseguinte, não foram aplicados de modo leviano ou por mera obstinação; em quase todos os lugares os ornamentos são simples ou de forma compreensível, então nem excessivos ou opulentos; eles possuem um significado na medida em que servem para o suporte ou apoio, como as mísulas, ou para unir com firmeza, como as pedras angulares ou as faixas contínuas e cornijas, ou então despertam conceitos secundários apropriados como troféus, festões e coisas semelhantes. Em nenhum lugar são um mero brilho, que meramente atrai a visão sem possuir uma finalidade determinada: em nenhum lugar eles ocultam a forma natural e a configuração simples das partes essenciais a que foram aplicados.

Em contrapartida, nas construções posteriores dos antigos, realizadas pelos sucessores do primeiro imperador, vê-se ornamentos que não possuem em si nada das boas características necessárias. Por meio do entalhe das folhagens, partes que devem ser fortes e firmes adquirem a aparência de serem fracas e frágeis. Verifica-se entalhes e folhagens cujo fundamento não se pode compreender; imagens talhadas em pedras angulares que poderiam conferir a elas apenas mera imprecisão ou uma fantasia excessiva e aventureira. O que deveria ser reto ou plano segundo sua natureza, foi rompido ou desfigurado em virtude do pretensioso adereço, ou tornado crespo pelo trabalho de entalhe.

Não é possível ser suficientemente cuidadoso para impedir que os ornamentos não sejam aplicados no lugar errado, não se tornem sobrecarregados, não entrem em conflito com a espécie e o caráter da obra ou com as partes a que deveriam servir de adereço. O que não eleva uma parte essencial, confere apoio a ela ou a

(*) Ver “cornija” - mísula - consola etc. [NA]]

torna mais agradável parece condenável.

Seria contudo de pouca utilidade tratar com maior complexidade uma matéria que depende mais de um gosto bem fundamentado e refinado do que de um pensamento desenvolvido.

Denominam-se também ornamentos (decorações) aqueles eventos teatrais em que o local da ação é representado através de pintura: mas não de maneira apropriada, pois esses ornamentos não são elementos secundários com vistas ao embelezamento, e sim elementos essenciais que pertencem ao espetáculo. Já falamos dos eventos teatrais por meio dos quais pode ser produzida para cada caso a representação do local, e da escolha do cenário (*). Não me encontro aqui em condições de dizer algo satisfatório sobre as particularidades da arte do pintor de teatro. No que diz respeito ao gosto, o mais importante a se dizer ao

pintor de teatro é o seguinte: que ele deve levar em consideração a finalidade de seu trabalho e não representar nada além do que é necessário para dar suporte à verdade da representação. Ele deve tão-somente prestar atenção para que o olho do espectador considere o cenário como o verdadeiro local da ação, e evitar cuidadosamente que o olho não encontre nenhuma ocasião para se afastar da ação ela mesma, de modo a censurar ou admirar a decoração, em virtude de algo artificial ou indecoroso, que esteja em conflito com o costumeiro ou que se destaque sobremaneira. Ele realizou a sua parte da melhor maneira para o espetáculo quando o espectador não pensa de modo algum no seu trabalho, mas assiste apenas às personagens agentes e acredita se encontrar efetivamente no local do cenário.

(OT)

(*) Ver “teatro” -
“cenário”. [NA]